

Safra de grãos será 41% menor em razão de estiagem no Estado**CAMPO E LAVOURA****GISELE LOEBLEIN**

gisele.loeblein@zerohora.com.br

Com Carolina Pastl | carolina.pastl@zerohora.com.br

Todos os grãos juntos não chegam à safra de soja passada

Em todas as comparações possíveis, as perdas causadas pela estiagem na safra de verão do Rio Grande do Sul impressionam. O volume total que o Estado irá colher, conforme a projeção da Emater apresentada na Expodireto Cotrijal (leia mais na página ao lado), é inferior ao que se colheu somente de soja no ano passado. Resultado do efeito prolongado sem chuva, combinado a altas temperaturas, que multiplicaram as perdas.

A produção de arroz, feijão, milho e soja deve chegar em 2022 a 19,56 milhões de toneladas. Na safra passada, somente a soja teve volume de 20,42 milhões de toneladas.

A estiagem encolheu em 41,1% a produção total de grãos de um ano para o outro, trazendo ao Estado o pior resultado em uma década.

– Nos últimos tempos, uma

das mais graves estiagens. Precisamos, sim, da resposta do governo federal – pontuou a secretária estadual da Agricultura, Silvana Covatti, na apresentação dos dados.

Com a ponderação de que há municípios com realidades piores e outros que se aproximam da normalidade, o diretor-técnico da Emater, Alencar Rugeri, reforçou:

– É um ano de preocupação, porque o agricultor está perdendo muita produção.

Na soja, onde a estimativa aponta recuo de 52,1% na produção em relação ao início da safra, o volume perdido para o tempo seco chama a atenção: são 10,4 milhões de toneladas a menos entre plantio e colheita. Para se ter uma ideia, essa quantidade foi toda a produção do grão no Estado em 2010.

Outro ponto importante a ser considerado é a evolução de

área plantada e da produtividade. Naquele mesmo 2010 da comparação anterior, as lavouras de soja somavam 4,02 milhões de hectares, 36% a menos do que no ciclo atual. A produtividade chegava a 2.611 quilos por hectare. Para esta safra, esperava-se chegar a 3.151 quilos por hectare (o que seria 20% a mais). Ou seja, a produção do grão ganhou espaço e volume, o que torna a perda atual mais impactante.

Para completar o cenário de dificuldades, a produção reduzida contrasta com custos em alta que já vinham sendo registrados e que passam a ter velocidade maior diante dos efeitos do conflito Rússia-Ucrânia. E complicam a equação das contas no campo, com reflexos que chegam também na cidade, de forma direta ou indireta, pelo peso do setor na economia gaúcha.

As exceções à regra das perdas por estiagem no Estado

Para toda regra, há a exceção. E no cenário de perdas provocadas pela estiagem nesta safra de verão não é diferente. Na média, a produção de soja encolheu para 25 sacas por hectare, mas há um grupo de 20 municípios com mais de 50 sacas e 126 com menos de 20 sacas por hectare:

– É o momento de fazermos uma reflexão e melhoramos cada vez mais a forma de conduzir a lavoura, ter aquele tripé da gestão, do profissionalismo e

do planejamento, mas, sem o fator água, teremos dificuldades – afirma Alencar Rugeri, diretor técnico da Emater.

Sobre os locais que conseguiram ter desempenho mais próximo do normal, ele explica que, no geral, concentram-se no leste do Estado: – Nessa região, a estiagem foi mais tênue, em um período do ciclo em que foi possível recuperar. A soja é mais elástica (sobre o tempo que resiste com estresse hídrico), não é tão sensível quanto o milho.

Lista diferente

Municípios com média de produtividade acima de 50 sacas:

- Arambaré, Balneário Pinhal, Barão do Triunfo, Barra do Ribeiro, Cambará do Sul, Campestre da Serra, Capão do Leão, Cidreira, Coqueiro Baixo, Cotiporã, Glorinha, Guaíba, Palmares do Sul, Piratini, Santa Vitória do Palmar, Santo Antônio da Patrulha, Sentinela do Sul, Sertão, Sertão Santana e Tapes

Colheita arrasada pela estiagem

Safra de grãos no Rio Grande do Sul será 41% menor neste verão em razão da falta de chuva, conforme projeção da Emater

BRUNA OLIVEIRA

bruna.oliveira@zerohora.com.br

O impacto da estiagem na agricultura gaúcha acarretou em quebra de 41,9% na safra de grãos do verão 2021-2022 em relação à estimativa inicial. Na comparação com o ciclo anterior, a queda é de 41,1% (ver gráfico). Em termos de volume, trata-se da pior colheita desde 2012. A estimativa final para a safra foi apresentada pela Emater, ontem, na Expodireto Cotrijal, em Não-Me-Toque.

Os números iniciais projetados pela instituição indicavam produção de 33,69 milhões de toneladas de grãos no Estado. A falta de chuva, porém, derrubou a estimativa para 19,56 milhões de toneladas. Na safra passada, foram colhidos 33,2 milhões de toneladas.

Na soja, a principal cultura do Estado, a quebra é de 52% tanto na produção quanto na produtividade em relação à primeira estimativa desta safra, com cerca de 25 sacas por hectare. Na comparação com a colheita anterior (2020/21), a quebra é de 53,3%.

O diretor-técnico da Emater, Alencar Rugeri, explica que a média é de 53 sacas por hectare em condições normais, e que somente 20 municípios alcançaram esse patamar. Contrastando com o restante do Estado, as plantações do grão situadas nas regiões de Pelotas, Porto Alegre e Caxias do Sul foram as únicas que praticamente não registraram perdas.

– Os números são uma média do Estado, mas temos municípios com perdas catastróficas e outros são oásis. Vemos lavouras com cenários diferentes – afirma Rugeri. O produtor de soja Paulo Wink, de São Gabriel, relata que a perda na sua lavoura chega perto de 70% nos 1,2 mil hectares de plantação. Entre novembro e dezembro, o resultado foi bom, mas o desenvolvimento da planta ficou prejudicado em janeiro com a persistência da falta de chuva e as temperaturas muito altas. A expectativa, agora, é colher o que foi plantado tardiamente.

– Já passei por coisa difícil, mas situação como agora eu não tinha visto nada igual. A gente é apaixonado pela agricultura e pelo que faz, aí vê a soja desse jeito e dá vontade de chorar – lamenta Winck.

O agricultor Nabor Thisen diz que chama atenção a falta de uni-

formidade das poucas plantas que não morreram com a seca. Produtor de soja no município de Quinze de Novembro, ele também projeta perdas na casa dos 70% nos seus 93 hectares de área.

– É uma salada de plantas muito diferentes. E o que se colhe é péssimo produto. Pior é o impacto que vem depois, porque o próximo plantio vem comprometido – afirma Thisen.

No milho, a estimativa final da Emater aponta queda de 55,1% na produção em relação a projeção inicial desta safra. Na comparação com a colheita anterior (2020/21), a quebra é de 37,5%. O milho silagem, importante para a alimentação dos animais, além das perdas enormes em volumes, com produção 57,8% menor ante à primeira estimativa, outro fator que preocupa é a qualidade do grão, inferior a de safras passadas.

No arroz, os efeitos da escassez hídrica são menores. A produção e a produtividade ficaram 4% inferiores aos dados iniciais projetados. Na comparação com o ciclo anterior, a quebra é de 13,1%. Segundo Rugeri, as temperaturas ficaram muito além do previsível, apesar da irrigação na cultura.

Cobrança

O diretor-técnico chamou atenção para uma característica geográfica da estiagem, que afetou de maneira oposta as regiões Leste e Oeste. Em episódios anteriores de estiagem, o contraste costumava ser entre o Norte e o Sul.

– É uma estiagem diferente, de Leste a Oeste. As maiores áreas produtoras de soja estão na região Oeste e as perdas também se concentram lá – afirmou Rugeri.

A secretária estadual da Agricultura, Silvana Covatti, que participou do início da apresentação, referiu-se à estiagem como a mais grave dos últimos tempos. E frisou o impacto econômico que a quebra da produção trará para o Estado:

– Vamos perder nossa economia? Vamos. Temos o compromisso de fazer a parte do Estado. Precisamos negociar dívidas do nosso produtor e para isso precisamos de respostas do governo federal.

A ministra da Agricultura, Tereza Cristina, chegou a verificar a situação da estiagem no RS em janeiro, mas desde então produtores cobram ações efetivas do governo federal para mitigar os danos.

Doações

A Coordenadoria Estadual de Proteção e Defesa Civil do RS está arrecadando doações em razão da estiagem. Os mantimentos são recebidos na Central de Doações da Defesa Civil, em Porto Alegre, e nas prefeituras no Interior, onde é feita a coleta e a distribuição à população em situação de vulnerabilidade social no Estado

ONDE DOAR

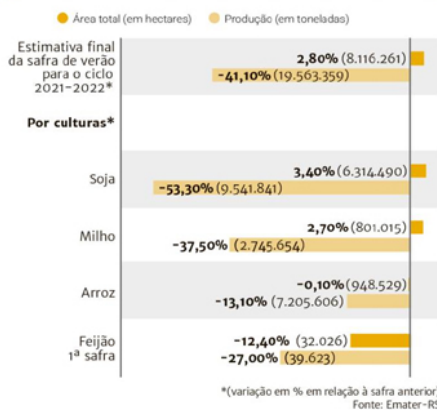
• Em Porto Alegre: Central de Doações da Defesa Civil do RS. De segunda a sexta, das 9h às 17h, na Avenida Borges de Medeiros, 1.501

• No Interior: prefeituras

O QUE DOAR

- Alimentos não perecíveis
- Cestas básicas
- Materiais escolares
- Itens de limpeza e de higiene pessoal

Os números



Paulo Wink, produtor de soja em São Gabriel, relata perda de 70% nos 1,2 mil hectares de plantação



Nabor Thisen também projeta prejuízo na casa dos 70% em 93 hectares de área de Quinze de Novembro

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Zero Hora - Porto Alegre/RS

Pagina: 12 e 13